

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

Matheus Vieira Areb¹

 <http://lattes.cnpq.br/7255778330153730>

 <https://orcid.org/0000-0001-6548-4577>

Susane Patrícia Melo de Lima²

 <http://lattes.cnpq.br/6593518571599146>

 <https://orcid.org/0000-0002-4952-7984>

Resumo

O lazer se constitui em um fenômeno social que tem seu lugar de importância junto a outras expressões socioculturais como dimensão constituinte e necessária da vida em diversos contextos no espaço-tempo histórico da humanidade. No âmbito da modernidade, sob a égide do capital, o lazer torna-se produto, mas não sem resistências. A “condição periférica” dos grupos pauperizados na periferia da cidade de Manaus revela um quadro heterogêneo de práticas populares/tradicionais contíguas aos enclaves fortificados e áreas de lazer-consumo apontando para pistas de um processo mais complexo que a segregação, uma fragmentação socioespacial em curso. O presente trabalho tem sua área de estudo em três pontos da capital manauara: (1) palafitas próximas ao Centro, (2) periferia distante do Centro em área de fronteira entre zonas e (3) área de ocupação urbana na extrema zona leste da cidade. Através de trabalho de campo com observações foi possível constatar que essas práticas são insurgentes/resistentes frente a um modelo de cidade que segmenta os espaços e uma estratégia contra a falta de equipamentos urbanos que dialoguem com a necessidade local. Os sujeitos periféricos aparecem como produtores de seus próprios espaços de lazer através de práticas espontâneas que fazem oposição a um lazer-consumo contíguo.

Palavras-chave: Geografia urbana; Periferia; Juventudes; Lazer urbano.

URBAN LEISURE AND SOCIOSPATIAL FRAGMENTATION IN MANAUS-AM: PERIPHERAL EXPERIENCES

Abstract

Leisure is a social phenomenon. Leisure has its important place alongside other sociocultural expressions as a constituent and necessary dimension of life in different contexts in the historical space-time of humanity. In the context of modernity, under the aegis of capital, leisure becomes a product, but not without resistance, the “peripheral condition” of impoverished groups on the outskirts of the city of Manaus reveals a heterogeneous picture of popular/traditional practices adjacent to fortified enclaves and leisure-consumption areas pointing to clues of a more complex process than segregation, an ongoing socio-spatial fragmentation. The present work has its study

¹ Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa Urbana e Regional/NPUR. matheusvareb@gmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Urbana e Regional/NPUR. splima@uea.edu.br

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

area in three points in the capital of Manaus: (1) outskirts close to the Center, (2) outskirts far from the center in the border area between zones and (3) urban occupation area in the extreme east zone of the city . Through fieldwork and observations, it was possible to verify that these practices are insurgent/resistant in the face of a city model that segments spaces and a strategy against the lack of urban equipment that dialogues with local needs. Peripheral subjects appear as producers of their own leisure spaces that oppose leisure-consumption through spontaneous practices.

Key-words: Urban geography; Periphery; Youth; Urban leisure.

Introdução

Há uma popular cantiga brasileira que entoa: “Se essa rua fosse minha. Eu mandava ladrilhar [...]”. Para o eu lírico da canção, a rua serve a seu interesse romântico, para além, aponta pistas de uma cultura brasileira fortemente marcada pela repetição da rua em seus poemas, versos, prosas e como espaço da festa, da vizinhança da sociabilidade, dos “carnavais, paradas e procissões” (DAMATTA, 1980), ou seja, no Brasil (talvez mais ou tanto quanto em alguns outros lugares do mundo) a rua é por excelência o espaço da manifestação da cultura, e, por conseguinte, do lazer. Cabe ao olhar interpretativo traçar suas variáveis, grupo social e localização para compreender especificidades e generalidades desse espaço social.

A rua não se constitui em um dado objetivo, muito menos natural, a rua é uma produção humana, mais especificamente de algumas sociedades, visto que em muitos espaços e culturas existem outras formas de organizações e nomenclaturas espaciais. Portanto, falamos aqui da rua na concepção do planejamento urbano ocidental como parte estrutural da malha urbana que compõe as cidades, estes espaços servem para o deslocamento e a mobilidade e estão dispostos entre os edifícios, daí nasce aquilo que se imagina uma fronteira entre espaços fechados e espaços abertos, ou seja, espaços privados como a casa e espaço público como a rua. Essa diferenciação é o objeto de análise da obra “A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil” de Roberto DaMatta, em que propõe o rompimento da dicotomia casa-rua para pensar na complexidade dessa relação que é “dinâmica e relativa porque, na gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente” (DAMATTA, 1997, p. 39). A partir dessa concepção nos baseamos para pensar a rua brasileira, mais especificamente, no Amazonas, a “rua manauara” como espaço social de manifestação da cultura e da vida através de hábitos. Um dos hábitos que nos remetem a rua de forma muito direta, para além de um espaço de passagem é sua dimensão enquanto rua-lazer.

Mas dentre as muitas ruas manauaras à qual rua nos referimos e para onde nela estamos olhando? Magnani (2003, p. 3) argumenta que “tudo depende de que rua se está falando”, pois a perspectiva interpretativa sobre a rua “[...] é recortada desde outros e variados pontos de vista, oferecidos pela multiplicidade de seus usuários, suas tarefas, suas referências culturais, seus horários de uso e formas de ocupação”. Nosso objeto de estudo são alguns espaços da periferia próxima e distante do Centro da cidade de Manaus, observados principalmente na temporalidade do “final do dia/final da tarde”. Esse horário se justifica em razão do tempo livre após as “obrigações” diurnas

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

aliado a uma cultura manauara relacionada ao ambiente, em que devido sua posição geográfica equatorial e incidência intensa de luz solar espera-se o “sol esfriar” (termo êmico), por voltas das cinco horas da tarde, para se realizar atividades no ambiente externo. Esse horário é relativo, existem variações conforme os dias da semana/finais de semana além das motivações pessoais que rompem com determinismos naturais de tempo/clima, é uma relação de contexto.

A ideia de periferia implica reconhecer Manaus inserida na sociedade capitalista, ou seja, admitindo o pressuposto do “cotidiano desigual” (VOLOCHKO, 2011), que nos leva a compreensão de que diferentes grupos experimentam a vida na cidade de forma qualitativamente diferente de acordo com sua organização na escala intraurbana. Na década de 1990, DaMatta (1997, p. 31) identificava que existiam na cidade como espaços sociais os “espaços transitórios e problemáticos”, estas são “as regiões pobres ou de meretrício” e estão relacionadas “ao paradoxo, ao conflito ou à contradição” (DAMATTA, 1997, p. 31). O quadro urbano que temos atualmente é acentuadamente mais complexo, devido a mudança no padrão centro-periferia das cidades brasileiras (SILVA, 2012, pp. 79-80), o que a literatura e a realidade revelam é a emergência cada vez mais concreta de um padrão espacial de “fragmentação do espaço”, causado pelo “aprofundamento das desigualdades socioespaciais” (SPOSITO *et al.* 2023, p. 5), assim nasce para a interpretação das cidades capitalistas no período recente o “paradigma fragmentário” (SPOSITO *et al.* 2023, p. 5), que compõe o acirramento da “[...] segregação, autosegregação, exclusão e diferenciação adjetivados como urbanos, espaciais, socioespaciais etc. [...]” combinados (SPOSITO; SPOSITO, 2020, pp. 2-3), apreensíveis na realidade urbana e paisagem urbana através de uma dinâmica relativamente visível/perceptível do “distanciamento espacial e social entre os cidadãos” (SPOSITO *et al.* 2023, p. 5).

O caminho histórico ao qual Manaus trilhou erigiu uma cidade de importância econômica. Aliás, como cidade capitalista, seu espaço urbano foi moldado pela intervenção do capital. Destarte, falar das ruas de Manaus requer entender a dinâmica de um urbano marcado por antigos e novos processos de segregação, desigualdade, produção crescente de muros e enclaves e negação do direito à cidade, um quadro amplo que concatena para indícios de um processo de fragmentação em curso.

Uma análise das práticas espaciais de lazer na rua em Manaus, requer uma acuidade no olhar. Com o objetivo de refletir sobre as evidências da fragmentação socioespacial em Manaus a partir de práticas de lazer de rua é que são eleitos espaços-chave para pensar na estruturação de um espaço desigual: (Nº 1) área das palafitas no bairro de Educandos na zona sul; (Nº 2) apropriações de terrenos e margens de leitos em área de fronteira entre as zonas centro-sul, norte e leste na periferia distante do Centro; (Nº 3) área de lazer em uma ocupação urbana na extrema zona leste da cidade.

Nesse entrecruzamento de práticas se complexifica a motivação que se expressa nos diferentes sujeitos que se apropriam desses espaços: diferentes faixas etárias, horários de lazer, profissões e ocupações, tipos de atividades e classes sociais diferentes, por vezes, em áreas contíguas. Para apreensão dessa realidade, visitas sistemáticas de campo foram realizadas nos locais entre os anos de 2020-2024, e contaram com observações da(s)

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

práticas/paisagem urbana em atenção as: (1) características do local: rua, privado, aberto etc.; (2) tipo de atividades; (3) características da fragmentação; Foram realizadas entrevistas informais nos campos N° 1 e N° 3 que são espaços domiciliares, sendo que pela característica das atividades de lazer no campo N°2 que envolviam atenção e movimento por parte dos sujeitos (práticas de empinar papagaio e futebol) apenas observações foram possíveis. Nisto reside uma característica das práticas de pesquisa em campo, existem complicadores nas abordagens diretas (entrevistas, aplicação de questionários, conversas informais) quando as práticas dos sujeitos da pesquisa são práticas de “movimento, ação e atenção” a um outro objeto, de modo que “Quando as atividades ocorrem nos espaços públicos, a questão pode apresentar novos problemas em virtude da transitoriedade das práticas” (GÓIS, 2021, p. 47). Nesse mesmo sentido, Areb (2022) reflete bem sobre a pesquisa de campo no par casa-rua, sendo a rua de “caráter frenético das atividades e das pessoas” (AREB, 2022, p. 61) e a casa “[...] um lugar de autonomia permite à pessoa parar para conversar com aquele que chega à porta” (AREB, 2022, p. 76). Partimos da análise espacial e nela focamos, caminhando em direção a uma interpretação da apropriação desses espaços.

O lazer e o espaço: aproximações e pressupostos ao tema

Pensar no lazer em sua dimensão prática e conceitual requer uma complexidade interpretativa, ou seja, pensar em lazer “dá trabalho!”. Isso decorre do fato do lazer está ligado às múltiplas práticas de uso do tempo humano, entretanto, nem todo uso do tempo significa o exercício do lazer, por isso, são necessárias delimitações para identificação das práticas que pressupõe o lazer e aquelas que se referem ao mundo do trabalho, religiosidade, etc. Isso constitui nosso primeiro pressuposto acerca do lazer: “trata-se de um fenômeno social múltiplo e polissêmico” (MELO e ALVES JR., 2012, p. 11), justamente por este se localizar em uma dimensão contextual entre a subjetividade e a posição do sujeito na coletividade, de modo que no exercício da pesquisa deve-se atentar as delimitações do lazer.

O segundo pressuposto é compreender que o lazer é um fenômeno social, portanto, uma construção histórica. Historicamente, o modo como as pessoas utilizam seu “tempo livre” era intrínseco a sua posição social na sociedade a qual fazia parte, ou seja, aquilo que em um primeiro momento aparece como tempo do “não trabalho” tem implicações objetivas culturais, sociais, religiosas e econômicas. Isso insere o lazer em uma dimensão de importância junto a outras práticas sociais, ou seja, “não é possível separar as maneiras de jogar, brincar e distrair-se do conjunto geral das atividades humanas em determinado tempo e espaço” (MELO; ALVES JR., 2012, p. 2). Em cada época histórica, o uso do “tempo livre” terão especificidades, de modo que aquilo que conhecemos contemporaneamente como lazer só toma forma na Inglaterra no século XVIII (MELO; ALVES, 2012, p. 2).

O quadro abaixo (Quadro 1) baseado nas reflexões de Melo e Alves (2012) apresenta as formas de ocupação do tempo em diferentes tempos e espaços da humanidade na sociedade ocidental, evidenciando que o uso do tempo tinha implicações de posição social, como já mencionado. As mudanças são identificadas na passagem do período helênico da Grécia para Roma em

**LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM:
EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS**

que o “tempo livre” do povo começa a ser objeto de controle pelos governantes romanos” com a política do Pão e Circo, já as elites se dedicam à contemplação e o acesso a reflexão e o pensamento. Na Idade Média os nobres se dedicam a um vasto tempo livre de autoexposição como um fator de distinção, as classes mais baixas não medem seu “tempo livre”, esse se faz sempre em dependência aos ciclos naturais ou vontade dos “senhores”. A reforma protestante traz mudanças com a lógica de pensamento da valorização do trabalho em detrimento ao “tempo livre”, é o início do pensamento moderno de demonização do ócio em função da produtividade que prepara o caminho para a ideologia da modernidade na Idade Moderna e o advento da Revolução Industrial. O quadro abaixo procura fazer uma síntese, entendendo a limitação de representação da diversidade de outras posições sociais no interior dessas sociedades.

Quadro 1: Formas históricas de ocupação do tempo

HISTÓRIA DO LAZER			
ESPAÇO-TEMPO	CONTEXTO	GRUPOS	OCUPAÇÃO-TEMPO
GRÉCIA	<ul style="list-style-type: none"> - Período de florescimento cultural; - Valorização da contemplação; - Cultivo de valores elevados 	Elite	Dedicação ao desenvolvimento espiritual / possuíam tempo livre / cultivo da contemplação
		Escravos	Faziam o “trabalho sujo” / sujeição ao trabalho
ROMA	<ul style="list-style-type: none"> Anexação da Grécia à Roma; - Povo guerreiro; Trabalho não visto como negativo; - Expansão imperial 	Elite	Reflexão é elemento de destaque
		Povo	Tempo livre é recuperação e preparação do corpo para atividade laboral / práticas fortuitas de diversão: “pão e circo”
IDADE MÉDIA Séc. V - XV	<ul style="list-style-type: none"> - Controle da igreja católica; - Rígido conceito de pecado difundido; 	Nobres	Ócio é para exibição social e exposição de gostos (e gastos) luxuosos Consumir e saber consumir; Vivências
		Artesãos e pequenos comerciantes	Flexibilidade entre tempos laborais e não laborais Reforma protestante: acúmulo de riquezas é aceitável
		Servos/camponeses	Trabalho como obrigação sem divisão com o tempo não laboral / Descanso e festa (exíguo e controlado) Reforma
	<ul style="list-style-type: none"> - Reforma protestante Séc. XVI 		

**LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM:
EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS**

			protestante: “O trabalho enobrece o homem, o ócio não”
MODERNIDADE Séc. XV - XVIII	<ul style="list-style-type: none"> - Fluxo comercial - Contestação normas da Igreja Católica - Ascensão de novo grupo social - Racionalidade - Produção fabril 	Burguesia	Práticas “civilizadas” do mundo moderno
		Proletariado	Tempo social demarcado pela jornada de trabalho / venda da força de trabalho / diversões populares e práticas tradicionais

Fonte: Melo e Alves JR. (2012, pp. 2-10). Elaboração: Matheus Areb, 2024.

Como nos localizamos no século XXI, nos interessa o debate acerca do lazer na modernidade. Com a Revolução Industrial no século XVIII as cidades começam a passar por intensas transformações, bem como a dinâmica social. A partir da nova forma de produção nas fábricas “observa-se uma progressiva artificialização dos tempos sociais. Isto é, o cotidiano passa a ser demarcado pela jornada de trabalho [...]” (MELO; ALVES, 2012, p. 6). Daí surge à noção de tempo livre sempre em oposição ao trabalho, pois a rotina dos trabalhadores e trabalhadoras, crianças e jovens fabris era exaustante e fazia com que o tempo fora das fábricas fosse entendido como um “não trabalho”. Entretanto, os processos históricos nunca se dão de forma absoluta e linear, muitas tensões surgiram no seio da sociedade industrial, com reivindicações contra as precárias condições de trabalho. Toda reunião que se dava entre os trabalhadores e trabalhadoras e permitia o compartilhamento de ideais era visto como perigoso pelas classes dominantes, assim, o “tempo livre” daqueles que trabalhavam nas fábricas começou a ter uma dimensão de “desordem” frente a nova ordem exploratória e produtivista vigente, “as diversões eram entendidas como perigosas e perniciosas já que, além de se oporem à lógica de trabalho árduo, eram uma forma de manutenção de antigos estilos de vida” (MELO; ALVES, 2012, p. 8).

Há alguns reflexos dessa lógica que se espalhou pela sociedade ocidental industrial, como já mencionado, a lógica de supervalorização do trabalho, enquanto nas sociedades clássicas, o trabalho era visto como servilismo/escravidão/castigo e evitado, a ideologia das classes dominantes aliado a burguesia cristã-reformada difundiu a ideia do trabalho como almejado/digno/edificante como ideia útil para a massa dos trabalhadores, “[...] o trabalho como única dimensão de dignidade humana, contribuíram para levar a coerção, o controle e a disciplina fabril para o interior de cada indivíduo” (MELO; ALVES, 2012, p. 9). Além disso, práticas populares eram vistas com maus olhos, como de uma “classe inferior”, de modo que pela parte das classes mais altas em sua influência no Estado “[...] interferia-se nos sentidos e significados de suas práticas tradicionais, substituídas por uma possibilidade controlada de divertimento (MELO e ALVES, 2012, p. 9).

O controle do tempo livre/não trabalho/lazer foi aos poucos sendo cooptado pelo Estado, classes dominantes e o capital, como bem mostra Park (1967, p. 32) em alguns subúrbios americanos “tem-se tentado renovar vizinhanças ruins pela construção de pátios de recreio e pela introdução da prática supervisionada de esportes de vários tipos, inclusive bailes municipais

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

em salões de bailes municipais”. Neste sentido, a própria pulsão humana aparece como substrato das atividades da vida humana na cidade, entretanto, estas são controladas e transformadas, inclusive espacialmente, podemos pensar a partir de Robert Park (1967) que as quadras de esportes, campos de futebol, ginásios e outros espaços de movimento como locais de expressão da “adrenalina” humana (instinto) contida no âmbito da cidade/urbano.

As tentativas de controle são muitas, inclusive pelo capital de “[...] limitar os populares à condição de espectadores dos espetáculos” (MELO e ALVES, 2012, p. 9) fruto dessa noção “civilizada” moderna de lazer. Surgem as formas mercadológicas, onde se divertir/descansar/brincar está associado a pagar/alugar. A “indústria do entretenimento” surge ao longo do século XX com esse fim (MELO e ALVES, 2012, p. 9), não suficiente a venda da força de trabalho, hoje compramos nosso tempo livre pela lógica do lazer-consumo. Muitas marcas espaciais representam este fato: escolinhas de futebol pagas, cinemas, shoppings, cruzeiros, shows, partidas de futebol, praças de alimentação e outros.

É necessário atentar que esta é uma relação dialética, portanto, permeada por tensões e conflitos e não linear. Os grupos populares resistem e na reprodução da vida na cidade existem “iniciativas populares de resistência e subversão” (MELO e ALVES, 2012, p. 9), como afirma Melo e Alves (2012, p. 10), “embora os populares frequentassem os espaços de lazer constituídos pela elite, não abandonavam totalmente suas práticas já existentes”. Esse é o quadro que perdura contemporaneamente, as práticas de lazer no urbano do século XXI formam um quadro heterogêneo, entretanto, as tensões e conflitos ainda são evidentes, assim, a cidade possui áreas com maior permeabilidade/trânsito entre as classes sociais e outros espaços mais restritos, geralmente aqueles pagos/controlados em regiões caras/nobres da cidade, criando delimitações específicas espaciais e simbólicas entre “nós” e “eles” o que configura a cidade fragmentada atual. O lazer não pode ser visto como algo “pacífico, ingênuo ou dissociado de outros momentos da vida” (MELO e ALVES, 2012, p. 10), pois o lazer no âmbito da sociedade capitalista é marcado “pelas tensões entre as classes sociais e pela ocorrência contínua e complexa de controle/resistência, adequação/subversão” (MELO e ALVES, 2012, p. 10).

O conceito de lazer nos trás a uma complexa gama de variáveis para sua definição. Isso ocorre primeiro, pois o lazer é um produto da cultura humana, desde as antigas práticas de “diversão”, todas elas se referem a manifestações humanas típicas de cada sociedade, por isso, em países diferentes se valorizam e incentivam alguns esportes, as brincadeiras entre crianças são umas e outras e diferentes culturas, além de outras práticas que ocupam o tempo dos sujeitos em seus momentos dissociados do tempo das “obrigações”. Salienta-se que o lazer é sempre contextual, pois depende de quem está praticando e como interpreta essa prática ((MELO e ALVES, 2012, p. 10).

Ruas, casas, condomínios e muros: a fragmentação socioespacial em debate

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

A complexidade da cidade é evidente ao olhar mais fugaz. As diferentes temporalidades mudam o uso dos espaços, territorialidades se desfazem e se reconstróem, existem áreas mais ou menos homogêneas que contrastam com áreas mistas, áreas de pobreza crescem e se expandem ao mesmo tempo em que grandes glebas condominiais de alto padrão se reproduzem na mesma cidade, isso tudo decorre do fato de que a “a cidade é um produto social derivado de um processo que se realiza na relação espaço-tempo e que a urbanização é permanentemente alterada pelas mudanças da sociedade (SILVA, 2012, p. 48).

As experiências e os fenômenos históricos produziram a sociedade que temos no século XXI, visto que essa não pode ser entendida apenas como produto material, mas há implicações subjetivas, como argumenta DaMatta (1997, p. 29): “No mundo ocidental e nas sociedades onde o capitalismo e o protestantismo se estabeleceram [...] o movimento mais freqüente é [...] do individual para o coletivo”. Essa atitude do individualismo se acirra sob a ordem de um urbano em crise, acirramento das desigualdades, violência nas cidades brasileiras, tendência à reclusão e ao evitamento, esvaziamento dos espaços públicos e a reprodução de enclaves fortificados que conformam um quadro de “rupturas” no tecido urbano brasileiro. As descontinuidades explicam muito da morfologia das cidades atuais. Inclusive no espaço urbano manauara, áreas de pobreza estão contíguas a áreas valorizadas, contexto aplicado a nossa área de estudo: (campo nº 1) nas casas palafitas (casas precárias) que são áreas adjacentes ao Centro comercial de Manaus, área de importância cultural, social, econômica e política; (campo nº 2) entre os bairros Flores (zona centro-sul) que figura como a área mais valorizada da cidade e fica adjacente ao bairro Novo Aleixo (zona norte) e limítrofe a zona leste da cidade, áreas de característica popular; (campo nº 3) na extrema periferia da cidade onde cenas de precariedade e luta por terra e moradia contrasta com uma cidade que desponta como a quinta cidade mais rica do Brasil.

A dialética, a contradição e a heterogeneidade do contexto urbano atual podem ser entendidos pela perspectiva da fragmentação socioespacial. A fragmentação é “uma ferramenta conceitual usada tanto para analisar dinâmicas gerais, na escala mundial [...] como para explicar mudanças nas formas de estruturação espacial das cidades” (SPOSITO e SPOSITO, 2020, p. 3), essa abrangência na escala dá a ela um sentido polissêmico, visto que pode ser entendida e utilizada a partir de perspectivas diferentes. Segundo Legroux (2021, p. 236) a construção do conceito de “fragmentação” relacionada à cidade “nasce da procura de uma ferramenta descritiva e analítica para explicar as mudanças e as reestruturações em curso no urbano a partir da década de 1970”. A partir dessa época, vai se consolidando aos poucos uma mudança no padrão urbano, “antes condicionada prevalentemente pela lógica centro-periférica, no período contemporâneo é cada vez mais regida pela lógica fragmentária” (SPOSITO e SPOSITO, 2020, p. 6), que se expressa através de uma cidade partida em pedaços com relativa conexão entre si, o acirramento da diferença produz rupturas no seio da cidade que se intensifica com a disparidade das classes, como áreas nobres de intensa valorização imobiliária que convivem perto de áreas com graves dificuldades do exercício da cidadania e da apropriação e uso digno da cidade, assim, nos interessa especialmente aqueles que vivem em uma “condição periférica”. Neste

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

sentindo, entendemos a fragmentação nos termos de Legroux (2021, p. 238) como aquela que “vai além da separação física e social, para insistir em dinâmicas que intensificam as rupturas e a relativa incomunicabilidade entre diferentes pedaços cada vez mais desconexos e diferenciados”. Considerando essa perspectiva teórica, entendemos o lazer pelo atravessamento da desigualdade, não o reduzindo a ela, mas encarando a desigualdade como uma condição que estrutura as práticas espaciais na cidade de Manaus, evidenciada em todas as classes sociais.

Entre águas, becos e ruas: lazer nas palafitas do Educandos

No texto de DaMatta (1997, pp. 31-32) acerca da casa e a rua, o autor faz menção às áreas periféricas da cidade, mas especificamente falando de áreas de transição como os espaços “alagados” onde terra-água representam uma ambiguidade, talvez em razão de seu caráter fronteiro. A ideia do autor é interessante para pensar áreas úmidas dentro das cidades brasileiras que geralmente são ocupadas pelas classes mais pauperizadas, espaços marcados pela precariedade de infraestrutura.

Em semelhança, muitos espaços “alagados” em Manaus são ocupados por famílias em vulnerabilidade social como os moradores das palafitas do bairro Educandos, na zona sul da capital, um bairro vizinho ao Centro da cidade interligado por uma ponte. Segundo Areb (2023, p. 177) as palafitas “são tipos arquitetônicos de casas construídas sobre estacas de madeira, comumente adaptadas a áreas fluviais-úmidas”. Em Manaus, essas casas remontam ao final do ciclo da borracha em meados de 1920 e a sucessiva crise que se instalou no Amazonas fazendo com que um considerável contingente populacional migrasse para a cidade, na falta de moradias, as palafitas serviram como solução drástica.

Atualmente, as palafitas ainda continuam no bairro Educandos e sofrem com a agência das águas nos tempos de cheia dos rios. Impactados pelo Igarapé de Educandos que margeia o bairro, a água entra pelas casas e ocupa o espaço por entre as palafitas, sendo necessário construir pontes de madeira para trânsito dos moradores, as chamadas marombas. Entre a água e a terra, estão as casas. A terra firme é a rua, para chegar nela é preciso passar por corredores, os chamados becos. Essa especificidade cria o que Areb (2023) chama de uma “espacialidade própria das palafitas”, ou seja, uma “geografia das palafitas” que se refere ao modo como a vida nesses espaços pode estar relacionada tanto ao rio quanto a terra, o que configura uma experiência diferente de outros modos de habitação em terra firme no resto da cidade. As relações com as águas são muitas e tem sua dimensão conflitiva pelos danos causados na cheia, mas também é o espaço de trabalho/deslocamento daqueles que trabalham com embarcações/pesca/catraias/transporte. Com relação à rua, se referem todas as atividades relacionadas à prática da cidade/urbano e seus serviços/atividades, isto faz com que as palafitas estejam localizadas entre dois domínios relacionais: água-terra.

Falemos das águas. A dialética do fenômeno se assenta em uma perspectiva dificilmente compreensível para os “de fora”, decorrente de uma dinâmica ao mesmo tempo conflitiva-relacional com as águas. Apesar do

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

Igarapé ser considerado “poluído”, na época das cheias, a grande quantidade de água consegue aparentemente “diluir” a concentração de impurezas que vem das outras partes da Bacia do Educandos. Nesse instante, alguns adolescentes da localidade afirmam que é o momento ideal para tomar banho no Igarapé, não são todos que participam da aventura. Para as crianças e demais adolescentes é possível encontrá-los correndo pelas marombas e becos. No contexto dessas casas, o espaço é reduzido e como não se tratam de áreas planejadas, não há espaço adequado para o desenvolvimento do lazer para as crianças. Mesmo na localidade próxima não existem equipamentos satisfatórios para esse público. O que resta às crianças é o trânsito entre as palafitas. Isso é um objeto de tensão e apreensão por parte de muitos pais, pois a casa e seu entorno, ao mesmo tempo que representa a “morada”, dialeticamente também é o espaço “inseguro”. Alguns pais relatam que na época da cheia ficam apreensivos com medo dos filhos “caírem nas águas”, se machucarem, serem mordidos/picados por animais que vem com a cheia. O próprio trânsito entre as estreitas marombas é inseguro, foi possível identificar em uma família, uma criança que caiu de uma casa-palafita que estava com a madeira “podre”, ficando com algumas sequelas do problema no joelho. Na época da vazante, o Igarapé baixa o nível das suas águas, alguns moradores organizam o futebol no leito seco do rio, estes disputam prêmios: refrigerante, bolo etc. Apesar de muitas lutas serem individuais nas palafitas, já que os problemas são muitos, existem relações de proximidade e vizinhança, no caso do futebol a individualidade é substituída pela coletividade a partir da dimensão do evento que só ocorre em função sazonal da baixa do rio, como expressa DaMatta (1997, p. 28) “[...] o momento extraordinário nos transforma em seres exemplarmente coletivos: ou somos dupla ou somos torcida, partido, público, multidão”. Há outro caráter do lazer nesses espaços que é a contemplação, a partir de pesquisas nas palafitas em Manaus, Calderipe (2017, p. 216) identificou nas antigas palafitas da orla do bairro São Raimundo atividades humanas de lazer ligadas às águas, antes do início das obras do PROSAMIM³ na área.

Muitas das casas-palafitas no bairro de Educandos têm suas janelas e varandas viradas para o rio. Essa é uma disposição de significado para esses grupos e complexa, pois o rio em sua calmaria pode representar “tranquilidade”, pode-se sentar na varanda e ficar na janela, pois os rios, sem impedimentos prediais são corredores de vento, fato atestado por Calderipe (2017) nas margens do bairro São Raimundo que em entrevista com um morador observa que “Assim como em outras moradias localizadas nas encostas, das janelas e de sua casa podia apreciar o Rio Negro e sentir a brisa, deitado numa rede estrategicamente colocada em frente a uma das janelas, como fez questão de me mostrar” (CALDERIPE, 2017, p. 217). Essa conexão com o rio é um traço comum a esses grupos, como ainda aponta a autora sobre o sujeito entrevistado: “Sua vida estava ligada ao rio, tanto em termos de trabalho quanto nas suas horas de descanso” (CALDERIPE, 2017, p. 217). Este fato, bem como os outros narrados, revela o estabelecimento da vida para além de um determinismo higienista, de fato, existem muitas dificuldades nos espaços das palafitas, mas ainda sim é o espaço da vida e

³ Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus.

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

onde outras relações emergem e que muitas vezes passam despercebidas pelo olhar.

Com relação às práticas de lazer em terra firme, as possibilidades variam, pois há a conexão com a cidade. Atendo-nos aos espaços das palafitas, ressalta-se que essas casas não estão ligadas diretamente às ruas, mas entrecruzadas por vielas/corredores/becos que fazem a ligação com o resto da malha urbana. Esse é um caráter singular desses espaços, pois na falta de um quintal e uma calçada, os becos se transformam em espaços de sociabilidade. Como já constatado também em outras palafitas por Calderipe (2017, p. 216) no São Raimundo: “Nesses espaços, a circulação de pessoas era intensa, bem como podiam ser encontradas sentadas nas suas varandas ou escadas, conversando e cuidando de seus pequenos jardins”. Os becos são espaços de passagem ao mesmo tempo em que nele as pessoas se demoram, crianças brincam, adolescentes, jovens e adultos se sentam em grupos e conversam nesses espaços, traçando redes de reconhecimento e sociabilidade entre vizinhos, assim, há uma complexa relação entre casa-beco, onde o beco parece ser dotado, em relativa semelhança a casa como espaço do reconhecimento e da afetividade, enquanto em áreas de terra firme a oposição casa-rua pode ser mais atenuada/acirrada, nas palafitas, os limites entre casa-beco se complexificam. Esse fenômeno corresponde aos apontamentos teóricos de DaMatta (1997, p. 39) em que “é preciso notar também que a oposição casa/rua tem aspectos complexos. É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta”, pois “a rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali ‘vivem’ como ‘se estivessem em casa’, conforme salientamos em linguagem corrente” (DAMATTA, 1997, p. 39).

Aqui a ideia do autor acima é transposta para o contexto urbano amazônico/manauara. Assim, propomos pensar a complexificação do par casa-rua tanto quanto para as palafitas na relação casa-beco. Há uma metáfora que entende os rios na Amazônia como “estradas/ruas” pelo transporte se dá nesses espaços, de fato há relativa representação, entretanto, entende-se que esses espaços aquáticos são vistos com características próprias e únicas. Assim, as relações de lazer e sociabilidade encontradas nesses espaços derivam da possibilidade dos moradores frente às dificuldades impostas pela experiência desigual em habitar em áreas úmidas na cidade, enquanto outras áreas são dotadas de serviços, infraestrutura, condomínios preenchidos com piscinas, academias, classes sociais que têm acesso a escolas de natação, recreação ou finais de semana com lazer-comercial, muitas dessas pessoas criam desenvolvem estratégias para fruição da vida, assim se constituiu a “ordem do possível” que fala Milton Santos, caminhando em direção ao cotidiano desses espaços vendo que nada é “confuso”, mas ordenado conforme sua própria lógica, pois “O que se chama desordem é apenas ordem do possível, já que nada é desordenado” (SANTOS, 1988, p. 66).

Contiguidade e desigualdade: o lazer “possível” na periferia de Manaus

Na periferia de Manaus, a autossegregação das classes médias e altas contrasta com as práticas e habitações das casas populares, principalmente em áreas de fronteira e contiguidade expressando as evidências da

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

fragmentação. A Avenida Governador José Lindoso, mais conhecida como “Avenida das Torres”, foi um projeto de infraestrutura e mobilidade urbana que fez com que algumas zonas da cidade fossem conectadas em áreas que antes se dividiam por fragmentos florestais, chácaras e terrenos não ocupados. A imagem durante a construção em 2007 (Figura 1) mostra como as adjacências da avenida eram pouco ocupadas, prevalecendo áreas livres e com vegetação, após a construção da via (Figura 2) a valorização imobiliária trouxe um boom de crescimento, com comércios, serviços, casas e a construção de condomínios na parte nas proximidades e ao longo da avenida.



Figura 1: construção da Av. das Torres/2007.
Fonte: Durango Duarte/Manaus/2007.



Figura 2: Avenida das Torres em 2012.
Fonte: Portal da Copa, 2012/Wikipédia.

A avenida em seu primeiro trecho colocou em contato bairros da zona centro-sul de intensa valorização imobiliária, condomínios e região com maiores índices salariais da cidade, com a zona norte uma área construída a partir de conjuntos habitacionais populares, que por sua vez estão em contato agora com bairros da zona leste da cidade que tiveram sua gênese a partir de ocupações urbanas, são bairros estigmatizados pela pobreza e marcados pelos índices de violência(s).

Atualmente, na zona centro-sul, bairro Flores, crianças, adolescentes, jovens e adultos homens ocupam áreas de terrenos não ocupados para empinar papagaio (termo local para “empinar pipa”), os adolescentes são de bairros populares próximos à área, alguns adultos com carros também são encontrados no local. Antes, o terreno ocupado pelo grupo era um local na Av. Prof. Nilton Lins, entretanto, a área foi cercada (Figura 3), o que impossibilitou a prática, já que soltar papagaio também implica uma competição, enquanto alguns “cortam” a linha dos outros e o papagaio cai, outros correm para recolher, há também a necessidade de movimento nas manobras para fazer o papagaio subir com o vento. A estratégia foi a mudança para outro terreno próximo entre a Rua Visconde de Sinimbu e a Rua Pres. Rodrigues Alves (Figura 4). A área também é cercada, entretanto com uma cerca antiga que permite maior permeabilidade.

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS



Figura 3: área antiga do lazer-papagaio cercada atualmente por cerca de ferro.
Fonte: Matheus Areb, 2024.



Figura 4: local atual do lazer-papagaio cercado por cerca de madeira.
Fonte: Matheus Areb, 2024.

Fato interessante é que essa brincadeira popular fica ao lado do condomínio de alto padrão “Residencial Quinta das Laranjeiras”, “Condomínio Villa Romana” e lojas de boutiques, um pub e salões de beleza, além de ao lado dos “empinadores de papagaio” está à escola de futebol “Paris Saint-Germain Academy Manaus” com várias unidades em cidades brasileiras. Assim, o tradicional/popular convive com o moderno/consumível/segmentado, sendo que as experiências se dão qualitativamente diferentes, mas sob uma mesma ordem/lógica do capital em que aqueles que podem pagar têm acesso a condomínios com áreas reservadas para lazer, protegidas do mundo exterior por muros, espaços privados de lazer como escolas de futebol, natação, lutas etc., para as classes populares restam os “lugares possíveis”, na falta de equipamentos públicos em acordo com suas reais necessidades que dialoguem com seu modo de vida/expectativa, direitos assegurados como cidadãos. Na imagem abaixo é possível identificar as marcas da separação/fragmentação entre os muros condominiais que separam os espaços segmentados/comprados/privilegiados do “espaço possível” popular (Figura 5). Essa fragmentação cada vez mais intensa na cidade leva a essas discontinuidades que nos termos de Silva (2012, p. 49) “[...] tem sido

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

responsável pela constituição de um espaço mais heterogêneo, formado por elementos muito distintos entre si, mas com grande homogeneidade interna”.



Figura 5: terreno ocupado para prática de soltar papagaio e ao fundo condomínio de alto padrão. Fonte: Matheus Areb, 2024.

Não tão distante dessa localidade, a construção da Av. das Torres necessitou da produção de avenidas transversais para conexão entre os bairros, é o caso do surgimento da Av. Nathan Lemos Xavier de Albuquerque que se conecta a Alameda Alphaville e Av. Dona Ercília Pacheco já em direção a zona leste da cidade. Saindo da Avenida das torres e indo em direção a essas avenidas passando pelo bairro Novo Aleixo (zona norte) é possível mudar da paisagem de condomínios para uma nova ocupação urbana a “Comunidade das Garças” e o bairro São José Operário (zona leste) em divisa com o bairro Novo Aleixo. Nessa área há uma classe popular surgida por ocupações de terra no final da década de 1970. Atualmente, se consolidaram iniciativas populares de lazer ao longo da margem do igarapé como campos de futebol (Figura 6) criados pela população e a prática de empinar papagaio no mesmo espaço.



Figura 6: campo de futebol ao lado do Igarapé na Avenida Dona Ercília Pacheco. Fonte: Matheus Areb, 2024.

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

O que ocorreu ao longo da construção do complexo da Av. das Torres foi um processo de urbanização em que o capital se apressa em produzir os espaços para consumo, onde aqueles que podem pagar ficam servidos de equipamentos de lazer. Para os grupos populares, estes produzem seus próprios espaços. Aquilo que em um primeiro momento foi construído apenas como rua e margem de rio, ganhou outro significado espacial: campo de futebol e área de empinar papagaio, espaço de caminhada, conversas etc. Isso vai de acordo ao que expressa Magnani (2003, p. 3): “[...] não é a rua definida de forma unívoca a partir do eixo classificatório unidimensional (vias expressas, coletoras, locais, binárias, etc.) dado pela função circular”, mas ela ganha outras dimensões e significados, de modo que os espaços ao longo da Alameda Alphaville e Av. Dona Ercília Pacheco são uns dos principais espaços de lazer para os moradores do entorno da avenida. Uma mesma malha urbana que conecta condomínios, casas, ocupações, campos de futebol espontâneos e escolas de futebol pagas marcam a contiguidade entre áreas socioespacialmente diferentes revelando a fragmentação.

Entre a ocupação e a apropriação: lazer na extrema periferia de Manaus

A comunidade Coliseu é uma ocupação urbana localizada no bairro Distrito Industrial II. Com o surgimento em 2015, a comunidade se iniciou na tensão pela luta do estabelecimento. Na falta de uma infraestrutura, tudo era precário, ligações de água, rede de energia, necessidades fisiológicas, escolas, transporte etc. Em 2024, a comunidade se apresenta com relativa infraestrutura e práticas espontâneas de lazer. Há o lazer externo (fora da ocupação) que diz respeito aos conteúdos do restante da cidade consolidada e o lazer interno (dentro da ocupação). Esse lazer é encarado como espontâneo, pois a construção dos espaços do lazer interno foi feita pelos próprios moradores na ausência de equipamentos públicos.

O lazer das faixas etárias menores são as ruas e os quintais onde através de brincadeiras lúdicas também constroem sua própria rede de sociabilidade e vizinhança. As classes mais jovens e adultas começaram a frequentar espaços de consumo como pequenas lanchonetes construídas pelos próprios moradores para obtenção de renda. É comum alguns jovens ficarem nas frentes das casas ouvindo música e conversando também. Um dos principais espaços de lazer é o campo de futebol da comunidade, ainda de “chão batido” onde além de campeonatos de futebol acontecem às festas juninas da comunidade.

Neste contexto, a ocupação também participa na produção do “espaço possível” do lazer, sendo esses os espaços comuns do cotidiano: a rua, o quintal, o campo de futebol e outros. Na delimitação da comunidade houve uma preocupação em separar as áreas de campo, uma atenção a priori com a necessidade de lazer da comunidade, que hoje tem diversos usos. Isso revela o modo como a rua e o espaço em geral se transformam de seu sentido tradicional geométrico para outras manifestações culturais “[...] vira trajeto devoto em dia de procissão, local de protesto em dia de passeata, de fruição em dia de festa, etc. Às vezes é vitrine, outras é palco, outras ainda lugar de trabalho ou ponto de encontro” (MAGNANI, 2003, p. 3).

LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM: EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS

Considerações finais

Em Manaus se guarda ainda muitas práticas resistentes e insurgentes do lazer na rua. De modo geral, muitas das mudanças na dinâmica da vida urbana e nas ruas brasileiras se dão no contexto de globalização e mundialização “[...] em decorrência de mudanças que se aceleraram no sistema capitalista nos anos 70” (COSTA, 1999, pp. 8-9). Ou seja, nosso campo empírico de estudo, a cidade de Manaus e sua periferia se localiza entre uma ordem local-global entre a sociedade capitalista e sua (re)produção no cotidiano desigual dos sujeitos no plano socioespacial. As diferenças de classes influenciam nas diferentes formas de lazer, sejam na periferia próxima ou distante do centro da cidade, grupos populares criam estratégias formando um mosaico heterogêneo de práticas em áreas contíguas reforçando o caráter da fragmentação socioespacial em Manaus através de uma relativa proximidade física, mas entre eles um abismo social concreto-simbólico crescente como marca da atual fase da modernidade.

Referências

AREB, M. V. **A cidade e as águas enquanto dimensão simbólica entre os habitantes do Igarapé de Educandos - Manaus/AM**. 2022. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8990>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

AREB, M. V. Geografia(s) da(s) Palafita(s): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus (AM). **Ensaio de Geografia**, v. 10, n. 22, p. 175-206, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/58573>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CALDERIPE, M. R. F. A água só falta falar: memória, patrimônio ambiental e transformações na ocupação de áreas úmidas na cidade de Manaus, AM. In: MONTARDO, D. L. O; CALDERIPE, M. R. F. (orgs.). **Saberes e ciência plural: diálogos e interculturalidade em Antropologia**. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

COSTA, M. R. da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?. **São Paulo em perspectiva**. 13(4) 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/9qbsP3C64CX4f4kkXZPTmqQ/>>. Acesso em 19 mai. 2024.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1980. 272 p.

**LAZER URBANO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MANAUS-AM:
EXPERIÊNCIAS PERIFÉRICAS**

GÓIS, M. P. F. de. A noite como fenômeno geográfico: possibilidades teórico-metodológicas para a pesquisa urbana. In: TURRA NETO, N. (org.). **Geografias da noite**: exemplos de pesquisa no Brasil. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021. p. 17-56

LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 22, n. 81, jun./2021, p. 235-248. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55499>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MAGNANI, J. G. C. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas**: Revista Digital de Antropologia Urbana, v. 1, n. 0, 2003. Disponível em: https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani_0.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

MELO, V. A. de; ALVES JR. E. de D. **Introdução ao lazer**. 2. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2012.

PARK, R. E. A Cidade: sugestões para a investigações do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. pp- 25-66.

SILVA, M. N. da. **A dinâmica de produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização em Curitiba**. Tese (doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2012.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 13- 28.
SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SPOSITO, M. E. B. et al. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira**: escala, vetores, ritmos, formas e conteúdos. Anais do Encontro Nacional de Planejamento Urbano, 2023.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO M. E. B. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, e19015, 2020.

VOLOCHKO, D. **Novos espaços e cotidiano desigual nas periferias da metrópole**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2011.

*Recebido em: 07/06/2023
Aprovado em: 20/07/2024
Publicado em: 12/08/2024*

